

VILA VELHA

230 mil habitantes sem vida cultural



Cine Dom Marcos, embora bem situado, está fechado.

Texto de Júlio Fabris
Fotos de Josemar Gonçalves

Na prefeitura de Vila Velha não existe secretaria municipal da cultura. Ao que tudo indica, o prefeito Américo Bernardes não possui assessor para assuntos culturais. A não existência de uma estrutura administrativa voltada para a cultura, em qualquer de suas formas traz prejuízos à vida municipal. Os vilavelhenses dependem dos cinemas, do teatro e das bibliotecas de Vitória. Para os 230 mil habitantes desse município, segundo estimativa do próprio prefeito, não há nenhum cinema, além de dois de bairros que se dedicam a pornochanchadas e Kung Fu, muito menos teatro, e até mesmo a biblioteca municipal se encontra desativada. Não há estação de rádio e um jornal local que circulou há algum tempo teve curta duração.

Considerada pelo próprio Américo Barnardes como uma cidade-dormitório Vila Velha nada oferece aos seus habitantes, a não ser um meio ambiente agradável

Vila Velha talvez seja o município mais populoso da Grande Vitória. A despeito disto, não há nesta cidade nenhum cinema, nem teatro, jornal ou estação de rádio. Vila Velha possui, tão-somente, uma das três Academias de Letras do Estado. E o prefeito Américo Bernardes acha inteiramente normal esta situação.



Vila Velha continua sendo considerada um "dormitório"



O que pouco resta do que foi o melhor cinema

A Academia Humberto de Campos tem sua finalidade, e vem se desincumbindo de modo a tornar menos vazia a vida cultural de Vila Velha



documentou todo o município com sua pintura; alguns seus seguidores continuaram seu trabalho. No Convento da Penha, pode-se ver três quadros do pintor acadêmico Benedito Calixto. Agora há a intenção de transformar a casa de Homero Massena, na Prainha, onde ele mantinha seu atelier, em um minimuseu. A casa foi desapropriada pelo decreto nº 1900-E de 27 de setembro de 1979. Contudo, a desapropriação não foi ainda efetivada, pois para fazê-lo, há necessidade de maiores verbas.



não nasceu da própria comunidade. Os clubes e associações que nasceram da vontade popular morreram.

Janes Martins lembra que, quando se chaga numa região interiorana, por mais pobre que seja, há uma igreja, geralmente construída pela própria comunidade, espontaneamente, sem interferência do poder público: "A questão é que o poder público não aproveita esta força comunitária". Ele considera a situação particularmente difícil em Vila Velha.

que circulou há algum tempo teve curta duração.

Considerada pelo próprio Américo Bernardes como uma cidade-dormitório Vila Velha nada oferece aos seus habitantes, a não ser suas praias, bonitas paisagens naturais — além dos indefectíveis bares. Só recentemente foi aberta a faculdade de Direito e Administração que não foi suficiente para absorver o enorme contingente que opta pela Ufes. A situação se agrava um pouco mais quando se sai da região central do município, compreendendo o setor urbano que vai da Glória até à Praia da Costa: nos inúmeros e carentes bairros que compõem o enorme cinturão suburbano, a falta de uma infraestrutura cultural mínima é absolutamente total. O que provavelmente também ocorre com a região central da cidade.

Os 230 mil vilavelhenses frequentam os três cinemas de Vitória, e seu único teatro. Mas é bem possível que a maioria esmagadora dos municípios simplesmente viva sem qualquer atividade cultural significativa. O curioso é que o prefeito Américo Bernardes considera esta situação normal, não vendo problema por ter Vila Velha tanta dependência de Vitória.

— Nós estamos muito encostados em Vitória. Nossa vida é em comum com Vitória. Se você quiser ir a uma biblioteca, há uma em Vitória, que é estadual. Há lá uma série de atendimentos da área cultural e não precisamos nos abalar com essa falta em Vila Velha.

Não há interesse, então, para que município fique mais independente, pelo menos no que tange a lazer e vida cultural, da capital do Estado? Américo Bernardes diz que "a independência seria justa". Mas acrescenta, no que se refere à biblioteca, em particular, que "a biblioteca de Vitória é pública, e existe o aquaviário que facilita muito a viagem". O prefeito também acha muito normal que todas as manifestações ocorram em Vitória. Ele acredita que quando as promoções culturais começarem a se expandir, então as "periferias" de Vitória serão beneficiadas.

A BIBLIOTECA

Há alguns anos Vila Velha tinha uma biblioteca municipal. Há pelo menos cinco anos que ela está fechada. Era uma biblioteca razoável, com poucos volumes, mas com muitas obras interessantes. Hoje, os livros estão guardados no antigo preventório na Praia da Costa, à espera de um local onde possa ficar em definitivo. O prefeito Américo Bernardes espera que até dezembro deste ano já encontre uma solução para o problema.

— A prefeitura está fazendo um prédio na garagem perto do



O que pouco resta do que foi o melhor cinema

Marista, devendo sobrar um espaço no prédio da seção de Pessoal.

Há cinco anos, esta mesma biblioteca ocupava o prédio da Academia de Letras Humberto de Campos. A Academia havia emprestado à prefeitura o prédio que ela ocupa na Prainha, quando o prefeito era Solon Borges. O atual presidente dessa Academia, o advogado Vasco Alves de Oliveira, disse que este empréstimo terminou sendo bastante prejudicial à Academia, pois, após a instalação da biblioteca no local, Solon Borges já não queria mais tirar os livros de lá, pretendendo, aparentemente, transformar a ocupação transitória em permanente. Depois de muito custo, a biblioteca saiu de lá, para ser desativada. Teria deixado, segundo Vasco de Oliveira, o prédio da Academia em péssimo estado, além de ter também incluído no acervo os livros que pertenciam à Academia.

De lá para cá, os livros continuam encostados, e Américo Bernardes, embora afirme que deverá resolver o problema desta biblioteca — a única mantida pelo município para atender, teoricamente, os 230 mil habitantes — não se mostra muito apressado em fazê-lo. Afinal, há, em última análise a infra-estrutura cultural de Vitória que, apesar de deficiente também, poderia, segundo o prefeito, servir perfeitamente aos seus municípios. Sem demonstrar inquietude com este tipo de problemas, ele justifica tal visão evocando um filósofo do iluminismo francês.

— Há muitos anos, Jean-Jacques Rousseau disse que o homem é um animal social. Há um encaimento de dependências. Isto faz parte do progresso. O Brasil, por exemplo, depende do petróleo dos árabes. No caso, então por que Vila Velha não poderia depender inteiramente das atividades artísticas e culturais de Vitória?

O CINEMA

No início do ano, o cinema Don Marcos, situado em frente à prefeitura, foi fechado, segundo Edgar Rocha, o proprietário do Don Marcos, como também o proprietário dos cinemas de Vitória, por exclusiva falta de público. O município tem dois cinemas ainda funcionando: o cine Aterac, no Ibes, e o cine American, na Glória. Tanto um como outro não podem, entretanto, ser considerados efetivamente como opções culturais — a não ser que se considere pornochanchada e filmes de Kung Fu

como produtos culturais. Também as salas de projeção desses dois cinemas ficam muito a dever ao que se exige.

O fato é que o Don Marcos também não era um cinema confortável. Contudo, era bem movimentada, e, vez por outra, aparecia algum filme que poderia ser considerado como opção cultural. O cinema passou então para as mãos de Edgar Rocha. Este tomou as providências para que os lançamentos feitos em Vitória fossem, logo a seguir, apresentados em Vila Velha; saiu-se do esquema de Kung Fu e pornochanchada. Só que não havia público.

Edgar Rocha acredita que a falta de público se deve à proximidade de Vitória: "Como o pessoal trabalha em Vitória é numa porcentagem de aproximadamente 90%, ninguém vai pegar um ônibus, num horário congestionado, chegar em casa e, em seguida, sair para assistir a um filme. Neste caso, a pessoa fica já em Vitória, vai ao cinema, e depois apanha um ônibus em horário menos congestionado."

Ultimamente, o Don Marcos só apresentava duas sessões: uma às 18 horas, e outra às 20. Mesmo assim, o público não aparecia. Segundo Edgar Rocha, a sessão das 18 horas, era um verdadeiro desastre e em termos de público, mesmo quando filmes de algum nível começaram a ser apresentados. Em função de tudo isto, Edgar Rocha considera um cinema em Vila Velha totalmente inviável, "mesmo na Praia da Costa". Não pretende reabrir o Don Marcos, nem instalar outra sala de projeção em outro local da cidade. Apesar de que, a localização do Don Marcos possa ser considerada ótima.

PINTURA

Desta forma, o pouco que existe em termos de atividades culturais nasce da iniciativa individual de alguns moradores, como a abertura do atelier, pelo pintor Kléber Galvêas. É o segundo, ao que se sabe, foi aberto na cidade: o primeiro foi o do pintor Homero Massena, já morto. Discípulo de Massena, Kléber Galvêas mantém uma exposição permanente de seus quadros, além de promover exposições de outros artistas plásticos. É, praticamente, a única atividade cultural permanente do município.

Por sinal, em termos de pintura, Vila Velha sempre foi relativamente privilegiada. Massena, praticamente,

Homero Massena, na Prainha, onde ele mantinha seu atelier, em um minimuseu. A casa foi desapropriada pelo decreto nº 1900-E de 27 de setembro de 1979. Contudo, a desapropriação não foi ainda efetivada, pois para fazê-lo, há necessidade de maiores verbas.

Segundo o presidente da Fundação Cultural, Renato Pacheco, praticamente a única opção cultural para Vila Velha seria um trabalho mais comunitário.

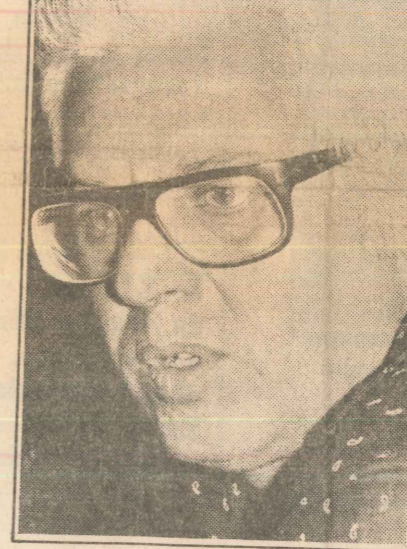
— Uma das coisas que poderia ser feita seria reativar o cine Don Marcos. Mas a Fundação Cultural só faria isso caso um empresário vilavelhense pretendesse também participar. O fato é que os custos para 35 mm é inviável. Mas se poderia fazer o que foi feito no Carlos Gomes, apresentando filmes em 16 mm. Além disso, seria possível aproveitar a sala para promover espetáculos teatrais.

Renato Pacheco, contudo, tem se mostrado mais interessado em apoiar as diversas atividades culturais que, espontaneamente, têm aparecido no município. Ele cita o caso da Banda de Congo da Barra do Jucu, o atelier Kléber Galvêas, o grupo de teatro da Barra, dirigido por Paulo de Paula, e o clube de Trovadores de Vila Velha. Este último é uma manifestação cultural curiosa: recentemente promoveu um concurso de trovadores, recebendo trabalhos de todo o País, num total acima de 800 trovas. O ganhador do concurso foi um paulista.

Uma possível opção para Vila Velha seria o Circo da Cultura. Entretanto, Renato Pacheco lembra que os custos do Circo são muito elevados. Para a Fundação Cultural levar para lá o Circo, seria necessário também uma colaboração de empresários do município — ou da prefeitura local. "Em termos imediatos — diz Renato Pacheco — o que poderia ser feito seria reunir a população interessada a nível de faixas etárias, principalmente nos colégios e faculdades, e ir descobrindo os incentivadores culturais espontâneos, e iniciando assim uma vida cultural no município."

Renato Pacheco considera como sendo uma das causas desta situação, a acomodação do povo "que encara Vila Velha como uma cidade dormitório, um apêndice de Vitória, o que não é". Com isto concorda Janes França Martins, um antigo morador da cidade, que foi durante muito tempo assessor do Gabinete do tribunal de Contas do Estado.

Indagado sobre os possíveis motivos da apatia cultural de uma cidade de dimensões de Vila Velha, ele pergunta: "Isso não seria generalizado? Não será um problema em todo o Brasil?". Logo a seguir, ele evoca um provável motivo.



Renato Pacheco opina sobre a cultura vila-velhense

— Eu vim de uma cidade do interior, em que todo mundo tem amor ao local. Quando eu cheguei em Vila Velha, eu estranhei a falta de amor pelas coisas do lugar. De 10 pessoas, em geral, cinco eram de fora, não eram nascidas aqui. Não tinham ligação alguma com o lugar. Em geral, só dormiam em Vila Velha. Eu mesmo trabalhava em Vitória. Tudo era voltado para Vitória: festas, clubes, e assim por diante.

Ele lembra que a inda hoje a maioria dos habitantes é constituída por pessoas vindas do interior do Estado. Desta forma, não há interesse comunitário; até mesmo os monumentos que representam a história da cidade são negligenciados. Como exemplo, há a Prainha, o local onde começou a história do Espírito Santo: hoje, a Prainha foi aterrada. Janes França Martins adverte inclusive contra a proliferação de prédios na cidade, região plana, própria a uma expansão horizontal em vez de vertical. Ele fala, preocupado, sobre dois prédios de 18 andares construídos próximos ao Convento da Penha: "Se espalharem prédios com estes, tudo isto vai ficar como Copacabana".

França Martins conta que, logo que se mudou para Vila Velha, em 1947, apenas funcionários de nível médio habitavam a cidade. "O poder aquisitivo não era alto, e os moradores da cidade não tinham recursos para frequentar os clubes de Vitória. Neste caso, os próprios moradores fundaram clubes aqui em Vila Velha. Foi assim que nasceu o Golfinho, por exemplo".

— Todos os clubes que nasceram da iniciativa popular acabaram. Isto é curioso. Até mesmo o Golfinho acabou de uma forma muito estranha. Há também o caso do Atlético, cujo antigo campo de futebol foi transformado em um clube social. Em termos de técnica financeira, de exploração imobiliária, tudo foi bem feito. Mas

ja, há uma igreja, geralmente construída pela própria comunidade, espontaneamente, sem interferência do poder público: "A questão é que o poder público não aproveita esta força comunitária". Ele considera a situação particularmente difícil em Vila Velha, porquanto "os políticos de Vila Velha são também frutos do desinteresse pelas coisas do lugar".

Vila Velha tem uma Academia de Letra, a "Humberto tendo como sede um prédio em estilo romano, situado na Prainha. Esta academia foi fundada em 7 de março de 1948. Seu atual presidente é Vasco Alves de Oliveira. Segundo ele, a Academia tem sérios problemas, principalmente devido à falta de dinheiro: "Nada recebemos do poder público; vivemos de nossas próprias doações", diz Vasco Oliveira. Mas não falta apenas dinheiro; faltam acadêmicos também. Cumprindo o seu segundo mandato, que vai até 1981 (o primeiro foi de 1975 a 1977), Vasco Oliveira diz que das 25 cadeiras da academia, apenas 22 estão ocupadas; há um déficit de três acadêmicos. Este déficit já chegou a ser de oito.

Segundo o presidente da Instituição, principal preocupação dos acadêmicos, no momento, é a recuperação do prédio, que a prefeitura teria deixado em estado lastimável. Recentemente, a Academia refez o antigo estatuto, que era considerado "desatualizado". Normalmente, os acadêmicos se reúnem uma vez por mês. A academia não tem qualquer publicação, embora haja vontade de instituir uma. Falta verba, entretanto, dificulta.

Vasco de Oliveira diz que, em termos de contribuição para Vila Velha, a Academia "Humberto de Campos" pretende fazer uma série de debates comunitários, "saindo do círculo restrito das promoções literárias. É importante, penso eu, trabalharmos junto às comunidades". Esta orientação teria recebido algumas críticas por parte de alguns acadêmicos. O presidente da Academia pensa que seria um grande avanço, em termos culturais para o município, a criação de um Conselho de Cultura, junto à prefeitura.

— Eu acho que Vila Velha deveria procurar criar uma vida cultural. Eu até acho que já existe: só é preciso estruturar; com o Conselho de Cultura isto poderia ser feito. Vila Velha tem condições de liderar a cultura no Estado.

A Academia pretende promover um seminário, envolvendo inclusive comunidades, sobre o desenvolvimento do município, considerando problemas como habitação, esgoto, lazer e problemas, semelhantes. O seminário, provavelmente, será realizado em janeiro.